



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PORTO NACIONAL-TO
CURSO DE GRADUAÇÃO LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

FABIANA TAVARES ARAUJO

LITERATURA E SABERES INDÍGENAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA EM *A CURA DA TERRA*, DE ELIANE POTIGUARA, 2015

**PORTO NACIONAL-TO
2023**

FABIANA TAVARES ARAUJO

LITERATURA E SABERES INDÍGENAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA EM *A CURA DA TERRA*, DE ELIANE POTIGUARA, 2015

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras, pertencente à Universidade Federal do Tocantins (UFT), *Campus* de Porto Nacional, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Rubra Pereira de Araujo

**PORTO NACIONAL-TO
2023**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- A6631 Araujo, Fabiana Tavares.
Literatura e saberes indígenas na educação básica em a cura da terra, de Eliane Potiguara, 2015. / Fabiana Tavares Araujo. – Porto Nacional, TO, 2023. 27 f.
- Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas, 2023.
Orientadora : Rubra Pereira de Araujo
1. Interculturalidade. 2. Resistência. 3. Ensino. 4. Literatura. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FABIANA TAVARES ARAUJO

LITERATURA E SABERES INDÍGENAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA EM *A CURA DA TERRA*, DE ELIANE POTIGUARA, 2015

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras, pertencente à Universidade Federal do Tocantins (UFT), *Campus* de Porto Nacional, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa.

Data de aprovação: 02 / 09 / 2023.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Rubra Pereira de Araújo
Orientadora, UFT – Campus Porto Nacional

Profa. Dra. Neila Nunes de Souza
UFT – Campus Porto Nacional

Profa. Dra. Maria da Glória de Castro Azevedo,
UFT – Campus Porto Nacional

RESUMO

O processo de ensino deve ser significativo, o que exige um investimento substancial em metodologias que facilitem a aprendizagem, engajando-os na história e fomentando uma mentalidade crítico-reflexiva. Nessa perspectiva, a literatura se apresenta com infinitas possibilidades de educar pela sensibilidade. No entanto, quando se trata da literatura indígena, a abordagem educacional e produtiva enfrenta desafios políticos, culturais e sociais no cenário atual. Esta pesquisa tem como objetivo compreender a literatura de autoria indígena, destacando suas contribuições para o ensino, bem como suscitar o respeito à cosmovisão dos povos originários. Nesse sentido, ressalta-se a importância de Eliane Potiguara e suas escritas para a crítica literária, a sociedade e o ensino. Tecemos uma análise do enredo da obra *A Cura da Terra*, 2015, de autoria desta escritora. Quanto à metodologia, este estudo adota uma abordagem teórica, histórica, bibliográfica e exploratória, com um viés qualitativo e uma natureza descritiva. Os resultados obtidos por meio desta pesquisa apontam a necessidade premente de estudar a cultura indígena de maneira que suas narrativas, vivências e memórias se perpetuem ao longo do tempo possam dialogar com a realidade estudantil, valendo o propósito da interculturalidade. A educação brasileira demanda uma reforma curricular que proporcione um contato mais profundo com a verdadeira história da colonização do país. É por meio de vozes socioculturalmente silenciadas, incluindo as de Eliane Potiguara, que a cultura brasileira necessita de reforçar as narrativas, vistas sob outras perspectivas, em que a cultura indígena continua a pulsar com vida e vigor. Ecoar essas questões no ensino torna-o com significado, trata-se, portanto, de um desafio essencial na educação contemporânea. A literatura indígena, com sua capacidade de conectar passado e presente, honrando a fauna e flora nativas, oferece uma oportunidade única para enriquecer o aprendizado, promover a diversidade cultural e contribuir para a formação de cidadãos conscientes e reflexivos. Através de análises como a do livro "*A Cura da Terra*", percebe-se que a incorporação das vozes indígenas no currículo é uma forma crucial de honrar a história e as lutas dessas comunidades, assegurando que suas identidades permaneçam vibrantes nas páginas dos livros, na cultura da oralidade e nas salas de aula.

Palavras-chaves: Interculturalidade. Resistência. Ensino. Literatura.

ABSTRACT

The teaching process must be meaningful for students, which requires a substantial investment in methodologies that facilitate learning, engaging them in history and fostering a critical mindset. From this perspective, literature presents itself as a vast universe of masterpieces. However, when it comes to indigenous literature, the educational and productive approach faces political, cultural and social challenges in the current scenario. This work aims to understand indigenous literature, highlighting its contributions to teaching, as well as examining its application in the educational context. In addition, it seeks to emphasize the importance of Eliane Potiguara and her writings for literature, society and teaching, culminating in an analysis of her book "A Cura da Terra". bibliographical and exploratory, with a qualitative bias and a descriptive nature. Furthermore, it involves a content analysis of the book "A Cura da Terra" by Eliane Potiguara. The results obtained through this research point to the remarkable distance to be covered in the path of a culturally rich and impactful education. There is an urgent need to incorporate indigenous culture so that their narratives, experiences and memories are perpetuated over time. Brazilian education demands a curricular reform that provides a deeper contact with the true history of the country's colonization. , rescues a connection with the past that remains present, as it evokes the memories and ancestry of indigenous peoples. These communities, despite the persecution and devastation they have suffered, have never stopped and will never stop preserving their identities. It is through these voices, including those of Eliane Potiguara, that indigenous culture continues to pulsate with life and vigor. Thus, teaching with meaning is an essential challenge in contemporary education. Indigenous literature, with its ability to connect past and present, offers a unique opportunity to enrich learning, promote cultural diversity and contribute to the formation of aware citizens. Through analyzes such as the book "A Cura da Terra", it is clear that the incorporation of indigenous voices in the curriculum is a crucial way of honoring the history and struggles of these communities, ensuring that their identities remain vibrant on the pages of books and in classrooms.

Key-words:ancestry. Resistance. Teaching. Rescue. Literature.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 LITERATURA INDÍGENA EM FOCO	10
2.1 O que é a literatura indígena	11
2.2 A realidade dos povos indígenas no Tocantins e a literatura indígena na educação básica.....	13
2.3 A literatura indígena nas aulas de língua portuguesa.....	17
2.4 Biografia e bibliografia de Eliane Potiguara	20
3 CURA DA TERRA, DE ELIANE POTIGUARA, UMA COSMOVISÃO INDÍGENA 	22
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS	27

1 INTRODUÇÃO

A prática docente se caracteriza pela atividade de ensino dos materiais escolares. Na prática que se combinam objetivos, conteúdos, métodos e formas de organização do ensino, com vistas à aprendizagem e desenvolvimento do aluno. O ensino aprendizagem se concretiza na interligação de dois momentos indissociáveis- transmissão/assimilação ativa de conhecimento. Sendo assim, com esse intuito de ser facilitadores do aprendizado desses alunos contribuindo na apropriação acerca da sociedade, das culturas tradicionais, da política entre outros, temos como papel fundamental na construção desses conhecimentos: a leitura.

Dessa maneira, o texto literário é fator imprescindível no processo de formação do leitor. É a porta de entrada para um olhar mais crítico e com um posicionamento mais autêntico. Pensando na literatura infantil, por seu caráter lúdico-mágico, é o caminho natural, a chave mágica que abre a porta da entrada principal que dá acesso ao mundo da leitura e a tudo o que ela pode nos proporcionar.

O presente trabalho apresenta uma nova abordagem que diz respeito ao ensino aprendizagem dos nossos alunos com relação à cultura indígena. Tema esse de suma importância para ser abordado em sala de aula, pois contribui para uma educação mais completa e abrangente, que reflita a diversidade cultural e étnica presente na sociedade brasileira. Ao incluir esse tema, os estudantes têm a oportunidade de conhecer e valorizar as contribuições históricas, culturais e sociais dos povos indígenas, promovendo assim uma visão mais precisa e ampla da nossa identidade nacional.

A cultura é herança transmitida de uma geração a outra. Ela tem suas raízes num passado longínquo, que mergulha no território onde seus mortos são enterrados e onde seus deuses se manifestam. Os contatos entre povos de diferentes culturas são algumas vezes conflitantes, mas constituem uma fonte de enriquecimento mútuo. A cultura transforma-se também, sob o efeito das iniciativas ou das inovações que florescem no seu seio (SILVA, 2012, p. 28-9).

Além disso, abordar o tema indígena ajuda a combater preconceitos, estereótipos e discriminações. Isso ocorre ao proporcionar uma compreensão mais profunda das experiências e lutas enfrentadas por esse grupo ao longo da história, bem como ao desafiar visões eurocêntricas e coloniais predominantes. Ao ampliar a visão dos estudantes e fornecer informações precisas e contextualizadas, é possível construir uma consciência crítica e promover a valorização da diversidade étnica e cultural do Brasil.

Essa abordagem também contribui para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, ao promover a equidade e a inclusão. Ao reconhecer a importância dos povos indígenas, seus direitos, suas lutas e suas contribuições, estamos fortalecendo a identidade e a

autoestima desse grupo, bem como sensibilizando os demais estudantes para a importância do respeito, da igualdade e da valorização das diferenças.

Portanto, ao abordar temas indígenas em sala de aula, estamos promovendo a educação para a cidadania, o respeito à diversidade e a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e plural.

Dentro deste contexto, é de vital importância evidenciar a temática do presente trabalho, apresentando uma perspectiva teórica histórica, sobre a questão da literatura e seu papel nesse modelo de ensino. A literatura é um oceano de obras-primas; e pensar na literatura, e em específico, na literatura indígena, do ponto de vista de ensino e produção, é um desafio político, cultural e social no contexto atual. Portanto, evidenciamos uma escritora, ativista, professora, poeta indígena, Eliane Potiguara, que vem deixando reflexões sobre as lutas dos seus povos e segundo a autora, os livros são relatos de vivências próprias como ela mesma afirma em sua rede social de *facebook*:

‘Eu conto na minha literatura as dores dos povos indígenas, das nossas avós, tataravós, da nossa ancestralidade. Quando dou um exemplo meu de vida, é um exemplo das mulheres que sofrem discriminação social, racial, estigmas nas cidades, nos lugares que vão buscar alimentos. Eu tinha esse conhecimento dentro da família, então a minha militância partiu de dentro de casa. Partiu do problema vivenciado, de uma ilusão, de um sonho.’¹

Ao valorizar as diversas culturas presentes no mundo, o ser humano compreende o seu próprio valor no contexto cultural que vive, assim como, valoriza a diversidade cultural entre os povos. Literatura e saberes indígenas na educação básica em *A cura da terra* de Eliane Potiguara (2015) surgiu a partir da premissa de que as vivências, histórias, cultura, costumes desses povos precisam ser constantemente abordados em sala de aula, e assim fazer com que esses saberes compartilhados ultrapassem os muros escolares, construindo assim uma sociedade que valorizará as culturas desses povos tradicionais.

Para tanto, o objetivo dessa pesquisa é ressaltar as contribuições da literatura indígena, efetivando a Interculturalidade no processo de ensino e aprendizagem, e refletir sobre a diversidade de culturas indígenas, suas vivências, costumes e lutas.

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa bibliográfica exploratória, que permite explorar as percepções e experiências dos envolvidos no processo educacional, incluindo professores e alunos. A qual busca-se compreender em profundidade as perspectivas dos participantes sobre os benefícios e desafios da introdução da literatura indígena no ensino básico e seus papéis fundamentais na construção do conhecimento.

¹ Postagem pública disponível na rede social da autora no seguinte link: <https://hi-in.facebook.com/elianepotiguaraescritora/posts/3637921316305929/> Acesso em 1 de setembro de 2023.

Assim, este trabalho está organizado em três seções, a primeira seção corresponde à introdução na qual são apresentados a problemática, o objetivo geral, os objetivos específicos e metodologia. A segunda seção apresenta uma perspectiva teórica e histórica abordando tópicos relacionados à temática em questão. A terceira seção consiste na análise do livro *A cura da terra* de Eliane Potiguara (2015), uma cosmovisão indígena. Além das considerações finais e as referências utilizadas.

2 LITERATURA INDÍGENA EM FOCO

Os povos indígenas são parte fundamental da história humana. A partir de suas culturas, costumes e crenças, eles nos ensinam sobre o que significa ser humano, nossa conexão com a natureza e a importância de preservar nossa história. Os povos indígenas habitam todos os continentes, desde o Ártico até o extremo sul da América do sul. Suas histórias são muito ricas e variadas. Contudo, de acordo com o último Censo, realizado pelo IBGE em 2010, há cerca de 817.963 indígenas, representando 305 diferentes etnias e registradas 274 línguas indígenas (IBGE, 2010). Retratando assim, uma grande riqueza cultural, porém pouco conhecida.

Dessa maneira, para melhor compreensão da história desses povos é preciso voltar a sua ancestralidade. Por muitos anos, eles tiveram que lutar para manter suas terras e costumes, enquanto eram forçados a se adaptar ao mundo moderno. Através da autoria e voz indígena, pode-se enxergar o outro lado da História, na visão do dominado, oprimido.

Graças ao protagonismo do movimento indígena na década de 70, os povos indígenas foram reconhecidos como povos originários do Brasil, e tiveram na Constituição de 1988, reconhecidos 'sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens'' (BRASIL, 1988, art.231).

De acordo com Stephen Baines (2008):

Para muitas sociedades indígenas as organizações políticas abriram espaços para as lideranças aparecerem como atores políticos nas relações Inter étnicas com a sociedade nacional, espaços políticos em que buscam visibilidade e reconhecimento a partir da politização da sua identidade étnica (BAINES, 2008, p. 9)

Ao mesmo tempo em que se fala de identidade étnica deve-se falar de identidade cultural, já que o universo indígena é constituído por uma diversidade de povos, culturas, civilizações, religiões, economias, enfim, uma multiplicidade de formas de vida coletiva e individual, onde ''cada povo indígena constitui-se como uma sociedade única, na medida em que se organiza a partir de uma cosmologia particular própria que baseia e fundamenta toda a vida social, cultural, econômica e religiosa do grupo'' (LUCIANO, 2006, p. 31).

Esses povos possuem culturas e costumes únicos e diversos. Eles possuem crenças profundas em seus ancestrais e na natureza e realizam cerimônias antigas que ainda são praticadas até hoje. A cultura indígena é influenciada pela terra em que eles vivem e pode variar muito de região para região. Os povos indígenas nos ensinam muito sobre nossa história e nosso futuro. Os costumes, crenças e conhecimentos ancestrais nos ajudam a entender mais sobre nós

mesmos e sobre a nossa conexão com a natureza. Além disso, sua presença e influência ainda podem ser sentidas em todo o mundo. Os povos indígenas também enfrentam desafios significativos, como perda de terras, a discriminação e a preservação de suas culturas em um mundo em constante evolução.

Deste modo, a inclusão da literatura indígena nas escolas não apenas respeita e valoriza a rica herança cultural desses povos, mas também promove uma educação mais inclusiva, crítica e informada, formando os alunos para serem cidadãos globais que compreendem e respeitam a diversidade cultural e a pluralidade de vozes no mundo.

2.1 O que é a literatura indígena

A literatura indígena é uma forma de expressão literária que surge das culturas, línguas e experiências das comunidades indígenas ao redor do mundo. Ela engloba uma variedade de gêneros literários, como mitos, lendas, contos, poesia, histórias orais, narrativas autobiográficas e mais. Essas expressões literárias são transmitidas de geração em geração, desempenhando um papel crucial na preservação da identidade cultural e no compartilhamento de valores, conhecimentos e perspectivas específicas de cada grupo indígena.

O termo literatura indígena foi criado estrategicamente como uma forma de valorizar a cultura indígena, as histórias, as lendas, a ancestralidade. Foi uma forma que nós encontramos, de luta e de resistência, para tirar da invisibilidade não apenas os povos indígenas, mas toda a sua produção cultural² (Eliane Potiguara).

Essa literatura muitas vezes difere dos paradigmas literários ocidentais, pois está enraizada nas tradições orais e nas relações profundas das comunidades com a natureza e o ambiente ao seu redor. Ela reflete as visões de mundo, as relações sociais, as crenças espirituais e as histórias que definem a identidade de cada grupo indígena. Além disso, a literatura indígena frequentemente aborda temas importantes para essas comunidades, como a relação com a terra, a espiritualidade, as lutas históricas, a resistência cultural, as transformações sociais e as questões contemporâneas que afetam suas vidas.

A cultura é herança transmitida de uma geração a outra. Ela tem suas raízes num passado longínquo, que mergulha no território onde seus mortos são enterrados e onde

² Disponível em <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/eliane-potiguara-fala-sobre-a-literatura-dos-povos-indigenas-no-brasil>, na página da Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG, por ocasião da comemoração do 19 de abril.

seus deuses se manifestam. Os contatos entre povos de diferentes culturas são algumas vezes conflitantes, mas constituem uma fonte de enriquecimento mútuo. A cultura transforma-se também, sob o efeito das iniciativas ou das inovações que florescem no seu seio (SILVA, 2012, p. 28-9).

É importante notar que a literatura indígena não é um monólito; ela varia enormemente de uma comunidade para outra, refletindo a diversidade das culturas e línguas indígenas em todo o mundo. À medida que a literatura indígena ganha mais visibilidade e reconhecimento, ela também está sendo registrada por escrito e traduzida para outras línguas, permitindo que uma audiência mais ampla possa apreciar e entender a riqueza dessas narrativas. Dessa maneira, a literatura indígena não é apenas uma forma de arte, mas também um meio importante de transmitir conhecimento, valores culturais e experiências únicas das comunidades indígenas, desempenhando um papel significativo na preservação da identidade e na construção de pontes entre diferentes culturas e tradições.

De acordo com Munduruku (2020), as comunidades indígenas enfrentam as repercussões advindas da convivência contínua com uma sociedade que as submete a noções reducionistas, relegando-as a posições de menor importância e marginalização. Isso inclui a recusa em reconhecer suas identidades culturais. Por um lado, manter sua essência indígena é um pré-requisito crucial para a validação étnica, porém, paradoxalmente, a sociedade complexa pode explorar essa condição, tornando-a um processo passível de manipulação. O aprendizado e a coexistência harmoniosa com a sociedade em igualdade muitas são interpretados como renúncia à própria identidade.

Nessa perspectiva, aprovou-se em 10 de março de 2008 a Lei 11.645, que estipula a inclusão imperativa da História e da Cultura indígena nos currículos escolares. Tal avanço é fruto da perseverança das lideranças pertencentes aos povos originários, que são reconhecidos como comunidades indígenas; cada nação possui sua própria língua, cultura, tradições e espiritualidade, todas distintas da cultura predominante na sociedade (BRASIL, 2008). Portanto, torna-se cada vez mais essencial promover um diálogo em torno da presença indígena e da maneira como eles empregam a memória para reforçar suas identidades por meio da expressão literária, que se une às formas de resistência cultural.

De maneira concisa, a literatura nativa desempenha um papel fundamental como ferramenta de crítica social, preservação cultural e luta política. Ela atua como um meio de resistência, ativismo e engajamento para grupos historicamente marginalizados e negligenciados pela sociedade. Ao assumir um papel de destaque público, político e cultural, esses grupos reafirmam sua identidade como uma comunidade unida. Como resultado, a literatura nativa se torna uma forma de enfrentar a exclusão e a violência que têm sido

vivenciadas e sofridas por essas minorias, afirma os autores (DORRICO; DANNER; CORREIA,2018).

2.2 A realidade dos povos indígenas no Tocantins e a literatura indígena na educação básica

A realidade dos povos indígenas no estado do Tocantins é complexa e diversificada, envolvendo desafios e conquistas que refletem a situação enfrentada por essas comunidades em todo o Brasil. A presença de diversas etnias indígenas no estado contribui para uma rica diversidade cultural, mas também traz à tona questões relacionadas a direitos territoriais, educação, saúde e preservação de suas culturas.

Dessa forma, observamos que os indígenas são bilíngues, buscam conhecimentos da sociedade não indígena e muitos estão nas universidades, conscientizando-se dos seus direitos enquanto cidadãos, na busca de uma sociedade igualitária, apesar de todo o processo de colonização europeia que têm sofrido desde o início do século XVI (MACÊDO e ARAUJO, 2020. p. 8)

De acordo com os resultados do Censo de 2010, o Brasil possui uma população indígena de 896,9 mil pessoas distribuídos em 305 etnias que utilizam 274 idiomas distintos (BRASIL, 2010). Destes, 36,2% residem em áreas urbanas e 63,8% em áreas rurais. A população indígena não apenas se comunica na língua materna de suas etnias, mas também possui o domínio da Língua Portuguesa. Conforme os dados do IBGE (2010), dentre os indígenas com cinco anos de idade ou mais, 37,4% utilizavam a língua indígena e 76,9% eram proficientes na Língua Portuguesa.

No Estado do Tocantins, a composição étnica dos povos indígenas se destaca pela notável diversidade. Segundo dados do Censo realizado pelo IBGE em 2010, estima-se que a população indígena seja aproximadamente de 13.171 pessoas. Dentro dessa pluralidade, observa-se que os costumes, organizações sociais e tradições culturais variam consideravelmente de um povo para outro, enriquecendo a tapeçaria cultural da região.

Entretanto, apesar da rica diversidade étnica que caracteriza o Tocantins e das diretrizes presentes na Estrutura Curricular do Ensino Fundamental de 2016, que preconiza uma abordagem contextualizada dos Saberes Indígenas de acordo com os valores e específicos de cada etnia, é notável que a valorização dessa rica cultura ainda carece de quantidade significativa nas escolas de educação básica. Exceto pela menção ao Dia Nacional do Índio, em 19 de abril, e no Ensino Médio, quando o Quinhentismo brasileiro é explorado no contexto da

literatura brasileira, a valorização da cultura indígena é pouco contemplada no âmbito curricular (TOCANTINS, 2016).

Esse cenário contrasta com a importância de se considerar, respeitar e valorizar as culturas dos povos originários, que desempenham e continuarão a desempenhar um papel fundamental na construção da identidade do Brasil. A legislação, imposta pela Lei nº 6.001/73 (Estatuto do Índio), reforça a necessidade de preservar e promover a integração harmoniosa das culturas indígenas na sociedade nacional. Diante dessa realidade, é vital que se promova uma abordagem mais abrangente e enriquecedora da cultura indígena nas escolas, indo além de meras graças comemorativas. A inclusão significativa da riqueza cultural dos povos indígenas no currículo educacional contribuirá para a valorização, o entendimento e o respeito às suas tradições e diversidades, tanto no contexto do Tocantins quanto do Brasil como um todo.

Com o propósito de proteger a rica cultura dos povos originários, a instituição escolar desempenha um papel crucial na condução de uma nova abordagem sobre a identidade de grupos historicamente marginalizados, como o povo negro e indígena no contexto da sociedade brasileira (ALBERNAZ; SOARES; LEWIS, 2009). Nesse contexto, é de suma importância que a escola adote abordagens que fomentem a igualdade racial, pautadas pelas legislações nº 10.639/03 e 11.645/08, o que permita romper com paradigmas tradicionais enraizados (MORAES, 1997).

O ambiente escolar desempenha um papel não apenas no processo de aquisição de conhecimento, mas também como um espaço de intercâmbio de valores e visões de mundo. Portanto, a escola deve se empenhar em construir estratégias que promovam uma perspectiva mais justa e inclusiva, garantindo o respeito à diversidade étnica e cultural e contribuindo para a compreensão das identidades e histórias dos grupos historicamente marginalizados. Isso é especialmente necessário em relação aos povos indígenas, cujas culturas e tradições são frequentemente negligenciadas ou estereotipadas.

Nesse sentido, é fundamental que uma instituição educacional reconheça seu papel de agente de mudança social e adote abordagens pedagógicas que abram espaço para o diálogo intercultural, estimulando o entendimento mútuo e a valorização das diferentes perspectivas presentes na sociedade brasileira. A promoção da igualdade racial e a valorização da cultura indígena não apenas enriquece a formação dos estudantes, mas também é valorizada para a construção de uma sociedade mais inclusiva, justa e respeitosa. A tabela a seguir apresenta um resumo das etnias indígenas presentes no Estado do Tocantins, incluindo informações sobre sua localização geográfica, meios de subsistência e população.

Quadro 1- Indígenas no Tocantins

POVOS INDÍGENAS DO ESTADO DO TOCANTINS ⁵			
Etnia	Localização	Meios de sobrevivência	População
Karajá	Ilha do Bananal entre os rios Tocantins e Araguaia.	Extrativismo, coleta de frutos do cerrado e da pesca.	3.198
Karajá-Xambioá	Os Karajá do Norte, mais conhecidos como Xambioá, possuem a mesma origem cosmológica do povo Iny, os Javaé e Karajá.	Pesca, caça, produtos agrícolas.	269
Javaé	Margem esquerda do rio Javaé, na Ilha do Bananal, no município de sua jurisdição, é Formoso do Araguaia.	Pesca, caça, produtos agrícolas.	1.456
Xerente	Vivem na margem direita do rio Tocantins. Divididas em duas partes: Terra Indígena Funil e Terra Indígena Xerente, fazem fronteira com a cidade de Tocantínia.	Lavouras mecanizadas e outros empreendimentos, como barragens e usinas hidrelétricas, que causaram modificação no cotidiano do povo Xerente, tais como, mudanças nos hábitos alimentares e nas práticas socioculturais.	3.017
Krahô	Próximo aos municípios de Itacajá e Goiatins.	Cultivam roças tradicionais: milho, batata, feijão e outros.	2.463
Krahô Kanela	Habitam a região Centro-Oeste do território tocantinense, conhecida como Mata Alagada, próxima ao município de Lagoa da Confusão.	Vivem do cultivo de pequenas roças, criação de aves, de porcos e de gado.	84
Apinajé	Tocantinópolis e Maurilândia, Cachoeirinha e Lagoa de São Bento.	Vivem da agricultura de subsistência, caça e da coleta de babaçu – do qual extraem o óleo das amêndoas.	1.847
Avá Canoeiros	Parque do Araguaia, nos municípios de Formoso do Araguaia, Lagoa da Confusão, Sandolândia e Pium.	Vivem da agricultura combinada com caça, coleta e abates de caça.	6

Fonte: MACEDO, ARAUJO (2020).

A tabela foi criada com base no número de etnias presentes no Estado do Tocantins. De maneira didática, o objetivo é fornecer aos alunos uma compreensão sobre esses grupos ao abordar a representação dos indígenas no Livro Didático (LD). Cada uma dessas etnias possui sua própria língua, tradições, costumes, cosmovisão e modos de vida, enriquecendo o mosaico cultural do Tocantins. A importância de trabalhar o material relacionado às etnias indígenas no ensino básico é significativa e multifacetada.

A inclusão de materiais que abordam os povos indígenas contribui para a valorização e o reconhecimento da diversidade cultural presente no Brasil. Isso permite que os estudantes conheçam e respeitem diferentes formas de vida, crenças, tradições e idiomas. Esses materiais didáticos bem elaborados podem ajudar a desconstruir estereótipos negativos e preconceitos em relação aos povos indígenas. Ao apresentar informações precisas e contextualizadas, os alunos podem compreender a riqueza cultural desses grupos, desmistificando visões distorcidas.

Neste viés, a realidade da incorporação da literatura indígena no ensino é um processo em evolução. Nos últimos anos, houve um crescente reconhecimento da importância de incluir vozes indígenas na educação, visando promover uma compreensão mais ampla e precisa da história, cultura e perspectivas desses grupos. No entanto, ainda existem desafios significativos a serem superados.

Embora haja muitos avanços a partir da sanção da lei, os professores ainda não têm muita informação e quase sempre repetem o que aprenderam quando eram estudantes, pois são vítimas de um sistema que sempre excluiu os povos indígenas. Nosso objetivo é que a cultura indígena saia do aspecto comemorativo e tenha um viés mais pedagógico e a literatura indígena é uma ferramenta importante neste processo de construção da identidade brasileira (MUNDURUKU, 2018, p.55).

Apesar desses desafios, progressos estão sendo feitos. Esforços estão sendo feitos para desenvolver materiais didáticos que reflitam as experiências e histórias indígenas de maneira autêntica e respeitosa. Além disso, parcerias entre comunidades indígenas e instituições educacionais estão sendo fortalecidas, permitindo que as próprias vozes indígenas orientem o processo de inclusão.

A inserção da literatura indígena no ensino não é apenas uma questão de diversificação do conteúdo, mas também uma oportunidade de desafiar estereótipos, promover a valorização cultural e incentivar a empatia e o respeito mútuo. À medida que a sociedade reconhece cada vez mais a importância da representação e da inclusão, a literatura indígena tem o potencial de enriquecer o ensino, contribuindo para uma educação mais abrangente e consciente da rica diversidade cultural do país.

Dessa forma, a Lei 11.645/08 estabelece a obrigatoriedade de incluir estudos sobre temáticas indígenas e africanas nos currículos escolares. Nesse sentido, o governo procura disponibilizar recursos teóricos para as escolas, visando enriquecer a formação profissional dos educadores. No entanto, surge a preocupação com a lacuna de conhecimento sobre como abordar adequadamente os textos de literatura indígena, os quais têm o potencial de serem ferramentas de intervenção que promovem o conhecimento e desfazem conceitos equivocados arraigados ao longo do tempo (BRASIL, 2008).

A utilização efetiva desses textos de literatura indígena requer estratégias pedagógicas cuidadosamente planejadas, a fim de explorar seu potencial transformador. Através dessa abordagem, é possível oportunizar aprendizado e promover a desconstrução de ideias errôneas que foram arraigadas ao longo do tempo. Isso não apenas enriquece o repertório educativo, mas

Também contribui para a formação de cidadãos críticos, empáticos e conscientes da diversidade cultural e histórica do país.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a educação escolar bilíngue e intercultural dos povos indígenas tem como principal propósito "facilitar aos indígenas a reconstrução de suas memórias históricas; reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e conhecimentos tradicionais; além de assegurar o acesso a informações, saberes técnicos e científicos tanto da sociedade nacional quanto de outras sociedades indígenas e não indígenas" (BRASIL, 1996. Art. 78, incisos I e II).

Através de legislação, surge a oportunidade de efetivamente conquistar um espaço legítimo, que há muito tempo pertence aos povos indígenas, os quais têm travado e continuam travando uma luta para obter reconhecimento na sociedade. Essa transformação de status na sociedade não ocorrerá da noite para o dia, mas a persistência dessas comunidades incita reflexões que têm o potencial de instigar mudanças significativas nas escolas do Brasil.

A literatura indígena desbrava um caminho que permite a realização de estudos para esclarecer tópicos relacionados à cultura, memórias e histórias que contribuem para a construção da identidade do país. Sua representação dentro da literatura brasileira, sua natureza literária, suas características distintivas e a autoria inserida no âmbito cultural e político, juntamente com abordagens educacionais envolvendo esses textos, abrem espaço para a exploração de uma riqueza de conhecimento profundo.

Para Potiguara, ao passarem por diversos massacres culturais, religiosos ou políticos na história, os povos indígenas têm o poder de reacender sua identidade étnica, porque “ seu inconsciente coletivo, isto é, sua alma, sua essência, sua quintessência, gritam mais forte que seu ego ” (POTIGUARA, 2004, p. 90). Para ela, existe uma luta dentro de cada indivíduo, entre a alma e o ego. Essa luta é que determina se a essência e a cosmologia indígena irão vencer. A luta contra o ego é a luta do ser humano contra uma cultura que impõe valores dominantes como machismo, racismo, intolerâncias, discriminações, preconceitos, xenofobias, falso moralismo (POTIGUARA, 2004, p. 88). Para vencer, é necessário ao homem e à mulher fortalecer o seu eu interior, através de “[...] uma viagem ao inconsciente coletivo em busca de nossas raízes étnicas raciais, [e] espirituais[...]” (POTIGUARA, 2004 p. 87).

Preservar a riqueza cultural das comunidades indígenas por meio da literatura é assegurar a continuidade dessa escrita que abriga uma multiplicidade de conhecimentos valiosos e experiências compartilhadas por várias gerações, que permaneceram acesas para alcançar um reconhecimento genuíno e histórico de suas lutas e conquistas até este ponto. No entanto, essa jornada não se encerra aqui; ao contrário, essas essências ancestrais serão perpetuadas através de diversas vozes, garantindo a sua eternidade.

2.3 A literatura indígena nas aulas de língua portuguesa

A integração da literatura indígena nas aulas de Português oferece uma oportunidade única de enriquecer o aprendizado dos alunos, promovendo a conscientização cultural, a empatia e uma compreensão mais profunda da diversidade brasileira. Ao adotar essa

abordagem, os educadores podem alcançar diversos objetivos como a valorização cultural permitindo que os alunos se conectem com as tradições, valores e perspectivas dos povos originários, valorizando suas contribuições para a formação da identidade nacional.

Da mesma maneira a desconstrução de estereótipos acontece através dos textos indígenas, os alunos têm a chance de romper com estereótipos e preconceitos que podem ter sido enraizados, promovendo uma visão mais precisa e respeitosa dos povos indígenas. Assim como o desenvolvimento de habilidades literárias com a análise e discussão de textos indígenas ampliando as habilidades de leitura crítica, interpretação textual e análise literária dos alunos, bem como a conexão com temas atuais por meio de textos indígenas, onde abordam questões sociais, ambientais e culturais relevantes para o contexto atual, o que pode enriquecer os debates em sala de aula.

Da mesma forma, a ampliação do repertório literário com a inclusão da literatura indígena, ampliando o repertório literário dos estudantes, enriquecendo sua experiência literária e cultural, bem como o empoderamento dos povos indígenas, reconhecendo a voz das comunidades e fortalecendo seu papel na sociedade. É possível também trabalhar a contextualização histórica com textos indígenas, podendo oferecer insights valiosos sobre a história do Brasil a partir da perspectiva dos próprios povos nativos. A literatura indígena pode ser também explorada de forma interdisciplinar, conectando-se a áreas como História, Geografia, Sociologia e Meio Ambiente. Ao utilizar a literatura indígena nas aulas de Português, os educadores têm a oportunidade de proporcionar uma educação mais inclusiva, abrangente e sensível à diversidade cultural do Brasil. Isso contribui para a formação de cidadãos críticos, respeitosos e conscientes da pluralidade que compõe a sociedade.

No ano de 2008, o Congresso Nacional promulgou a Lei 11.645, que promoveu alterações na Lei 9.394, aprovada em 1996, e posteriormente foi ajustada em 2003, resultando na Lei 10.639. Essa medida legislativa, contida no Artigo 26 e em seus subsequentes parágrafos, determina a obrigatoriedade da inclusão no currículo escolar do estudo das histórias e culturas afro-brasileiras e indígenas, reconhecendo suas significativas contribuições para a construção da sociedade brasileira.

Conforme o Artigo 26-A, nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, tanto públicos quanto privados, o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena tornou-se um requisito incontornável. O conteúdo programático definido por este artigo abrange diversos aspectos da história e cultura que moldaram a formação da população brasileira a partir destes dois grupos étnicos. Isso inclui o estudo da história da África e dos africanos, a trajetória de luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, bem como a rica cultura afro-brasileira e indígena.

Além disso, é importante abordar o papel do negro e do indígena na construção da sociedade nacional, destacando suas valiosas contribuições nas esferas social, econômica e política, as quais têm relevância na história do Brasil.

O Artigo 26-A também reforça que os conteúdos relacionados à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas do Brasil devem ser integrados em todo o currículo escolar, especialmente nas áreas de educação artística e nas disciplinas de literatura e histórias brasileiras (BRASIL, 2008). Isso implica não apenas na mera inclusão, mas em uma abordagem abrangente e integrada que promova uma compreensão mais profunda e respeitosa da diversidade cultural e das contribuições desses grupos étnicos para a identidade nacional.

Nessa perspectiva, os autores e autoras indígenas emergem como resultados dessa resistência, unindo-se com determinação para corrigir distorções enraizadas no imaginário coletivo desde a chegada dos portugueses às terras brasileiras. Tanto estudiosos indígenas quanto não indígenas se dedicam a defender os direitos das comunidades originárias, e as narrativas indígenas desempenham um papel inestimável nesse trajeto (SOUZA, 2022).

Trabalhar a literatura indígena na sala de aula requer uma abordagem sensível e cuidadosa para garantir que os alunos compreendam a riqueza cultural e histórica por trás desses textos. Sendo assim citarei algumas formas de incorporar a literatura indígena de maneira eficaz e a primeira delas é a contextualização histórica e cultural, onde iniciaria contextualizando a história e a diversidade cultural dos povos indígenas no Brasil. Explicando sua contribuição para a formação da sociedade brasileira, ressaltando a importância de reconhecer sua rica herança.

Da mesma forma, escolher textos autênticos escritos por autores indígenas, que abordam temas como identidade, ancestralidade, mitos e valores culturais. Respeitando as vozes indígenas e evitando interpretações estereotipadas. Na sala de aula, faria também algumas discussões sobre os textos lidos, incentivando os alunos a expressarem suas opiniões e reflexões sobre os temas abordados, levando em consideração a diversidade de perspectivas.

No mesmo intuito elaborar uma atividade criativa com a escrita possibilitando aos alunos a criação, ou seja, que criem suas próprias narrativas inspiradas na literatura indígena, usando mitos, lendas ou elementos culturais como base. Isso estimula a criatividade e a compreensão mais profunda. Há também, se possível, a visita de autores indígenas para conversar com os alunos sobre suas experiências e seus trabalhos. Esses encontros proporcionam insights valiosos e conexões pessoais.

Da mesma maneira, estabelecer comparações entre a literatura indígena e outras tradições literárias. Isso pode ajudar os alunos a identificarem semelhanças e diferenças,

promovendo uma visão ampla da literatura. Como proposta, a exploração de temas universais presentes na literatura indígena, como a relação com a natureza, o papel das histórias na transmissão de conhecimento e a busca por identidade, isso facilita a conexão com experiências pessoais dos alunos.

Abordar a literatura indígena de maneira interdisciplinar, conectando-a a outras disciplinas como História, Geografia, Artes e Ciências Sociais. Assim como, reconhecer que a tradição oral é uma parte essencial da cultura indígena. Explorar a oralidade por meio de narrações, dramatizações e atividades de escuta ativa, é muito importante no desenvolvimento do aluno, bem como enfatizar a importância de respeitar e valorizar a cultura indígena. Incentivar os alunos a desenvolverem empatia e sensibilidade para compreender diferentes perspectivas.

Trabalhar a literatura indígena na sala de aula não apenas enriquece a experiência educacional, mas também contribui para a formação de cidadãos conscientes, críticos e respeitosos da diversidade cultural do Brasil.

2.4 Biografia e bibliografia de Eliane Potiguara

Eliane Lima dos Santos, nascida no Rio de Janeiro em 29 de setembro de 1950, reconhecida pelo nome Eliane Potiguara, graduada em Letras (Português e Literatura) e Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Possui Especialização em Educação Ambiental pela UFOP. Professora, escritora, ativista e empreendedora indígena brasileira. Fundadora da Rede Grumin de Mulheres Indígenas, a primeira escritora indígena do Brasil. Autora das obras como *A Cura da Terra* (2015), *A Terra é a Mãe do Índio* (1989), *Akajutibiro: Terra do Índio Potiguara* (1994), *Metade Cara, Metade Máscara* (2004), *O Coco Que Guardava a Noite* (2004), *O PÁSSARO ENCANTADO* (2014).

Podemos deduzir que os textos produzidos por autores indígenas trazem consigo vozes que desempenham o papel de reescrever partes das histórias brasileiras, que por séculos foi relatada de maneira equivocada. Esses textos funcionam como ferramentas que estimulam uma transformação de atitude, tanto por parte dos não indígenas quanto dos próprios indígenas que buscam profissionalização e se reinventam. Conforme (POTIGUARA, 2019, p.59), "O ato de criar é um gesto de amor. Amor por si mesmo, amor pelo próximo, amor pela natureza. É possível criar um texto, uma melodia, uma pintura ou qualquer forma de arte".

A autora defende, com a sagacidade de alguém que testemunhou e experimentou em primeira mão as dificuldades enfrentadas por muitas mulheres indígenas, que a mulher indígena sobrevive graças à sua criatividade. Além disso, eu acrescentaria a essa característica a sua multiplicidade e as inúmeras potencialidades latentes que são evidenciadas pelo protagonismo dessas mulheres em diversos cenários.

3 CURA DA TERRA, DE ELIANE POTIGUARA, UMA COSMOVISÃO INDÍGENA

O enredo da narrativa em questão é sobre Moína, uma jovem indígena de oito anos que, como toda criança, adora se aconchegar nos braços amorosos de sua avó para ouvir as histórias que ela tem para contar. Movida por uma curiosidade crescente sobre o significado da vida e as transformações que a cercam, Moína busca compreender mais sobre si mesma e seu lugar no mundo. No tocante livro intitulado "A Cura da Terra", a renomada escritora indígena Eliane Potiguara tece uma narrativa sensível, enriquecida pelas delicadas ilustrações de Soud. Essa obra mergulha na história de duas personagens que, ao mesmo tempo em que refletem sobre suas próprias vidas e o passado, também descobrem a habilidade de encarar o futuro com otimismo.

"A Cura da Terra" de Eliane Potiguara é uma obra que vai muito além de uma simples narrativa; é um convite para uma jornada profunda pelas tradições, sabedorias e desafios dos povos indígenas. Através da história de Moína e sua avó, o livro nos transporta para um mundo de conexões ancestrais, revelando a importância da relação harmoniosa entre os seres humanos e o ambiente que os cerca. A análise deste livro revela sua riqueza temática e o seu potencial transformador.

Um trecho significativo do livro descreve a colonização pelos estrangeiros, que resultou na exploração da terra e na submissão dos antigos guerreiros indígenas. "Foi difícil, mas as lágrimas das crianças venceram a dor. (...) As lágrimas foram sementes que, plantadas com amor, encheram de verde a nossa terra. (...) eram lágrimas de sementes." Esse trecho ressalta a resiliência dos povos indígenas e a capacidade de transformar adversidades em oportunidades para a cura e renovação.

Outra passagem importante é quando a avó de Moína compartilha a visão de que as crianças foram as responsáveis por mudar a trajetória de destruição da terra. "Quando choravam, invocavam os espíritos dos curandeiros. Eles voltaram. (...) trouxeram as lágrimas para perto de nós e voltou também o amor, a paz, a saúde, o trabalho, a música." Essa visão enfatiza a importância das gerações mais jovens na busca por soluções e na preservação dos valores culturais, mostrando que ações simples podem gerar impactos positivos profundos.

A autora também destaca a conexão intrínseca entre as vivências indígenas e os desafios enfrentados por essas comunidades. Em suas palavras: "Eu conto na minha literatura as dores dos povos indígenas, das novas avós, tataravós, da nossa ancestralidade. Quando dou um exemplo meu de vida, é um exemplo das mulheres que sofrem discriminação social, racial, estigmas nas cidades, nos lugares que vão buscar alimentos." Essa citação evidencia como a

literatura indígena é um meio de dar voz aos desafios enfrentados por essas comunidades, amplificando as discussões sobre justiça social, igualdade e respeito.

"A Cura da Terra" também ressalta a importância da preservação do planeta, não apenas como um dever ambiental, mas como um compromisso espiritual e cultural. A autora enfatiza: "Minha aldeia é meu coração. E do topo dela vejo o mundo com o olhar mais solidário que nunca." Essa perspectiva reforça a conexão íntima dos povos indígenas com a terra e como essa relação pode servir como inspiração para todos nós na busca por um mundo mais sustentável e consciente.

Em síntese, "A Cura da Terra" é uma obra que transcende os limites literários ao abordar questões profundas e universais através de uma lente indígena. Por meio de trechos como os mencionados, o livro nos convida a refletir sobre a nossa relação com o meio ambiente, a herança cultural e o papel que cada um de nós desempenha na construção de um futuro mais harmonioso e equilibrado. É uma leitura que não apenas educa, mas também inspira a ação em prol de um mundo melhor para todos. No seguinte trecho do livro temos um diálogo entre a avó e sua neta, onde a neta pergunta para ela o porquê ela era criança, logo em seguida sua avó responde:

Você transformação- responde pacientemente a sábia senhora índia. Você é a vida em um mágico movimento crescente. É a razão de viver de seus amados pais. veja o tamanho do seu pé. Não é o mesmo de quando você tinha quatro anos de idade! Lembra-se de seus cabelos? Como cresceram! Hoje, suas perguntas são diferentes das de ontem! Você está mudando todo dia, e assim é a transformação da vida, a bênção dos céus. (POTIGUARA, 2015, p.3).

A avó começa comparando a neta à transformação, o que sugere que a vida é um processo contínuo e dinâmico, assim como a própria transformação, e as fases que enfrentamos. Essa metáfora é poderosa, já que associa a vida a algo que está sempre em movimento e evolução. A avó também descreve a neta como "a vida em um mágico movimento crescente", o que implica um sentimento de encanto e beleza na jornada da neta, depois de olhar para trás e ver tudo que seu povo já passou, e ainda sim ter esse privilégio. A avó enfatiza que a neta é a razão de viver de seus amados pais, destacando o vínculo profundo entre gerações e a importância da neta na vida deles. Isso sublinha a ideia de que a vida é uma rede interconectada de relacionamentos e ainda mais, para eles que até hoje enfrentam muitas lutas, ter ela perfeita é uma conquista, porque apesar de serem alvo de tanta discriminação e preconceitos, eles continuam resistindo e crescendo.

O trecho reflete a visão de mundo profundamente conectada com a natureza e com o fluxo da vida, com a avó desempenhando um papel de mentora sábia, que compartilha uma perspectiva enriquecedora sobre o processo de viver e evoluir. Essas palavras podem ser

interpretadas como um lembrete sobre a beleza e a importância da transformação contínua que todos experimentamos ao longo de nossas vidas. Nesse trecho do livro "A Cura da Terra" de Eliane Potiguara, há uma clara reflexão sobre o impacto devastador da colonização estrangeira nas comunidades indígenas e no ambiente natural, ela responde a sua neta, explicando o porquê aconteceu tantas mudanças negativas que estava acabando com o seu povo de forma cruel.

Porque os estrangeiros maus só queriam lucro, e encheram a terra com algodão, dominaram os antigos guerreiros índios e os fizeram escravos, e aí quem não os obedecesse! Aqueles estrangeiros traziam sua própria água e usavam adubo e maquinários agrícolas na terra. Nossa região foi manchada de sangue indígena pela brutalidade de estrangeiros insensíveis, covardes e dominadores que impuseram os vícios, a maldade, a mentira, a cobiça, a competição e o egoísmo. (POTIGUARA, 2015, p, 10-11).

A autora menciona que os estrangeiros maus tinham um único objetivo: o lucro. Isso ressalta a exploração desenfreada que muitas vezes acompanhou a chegada dos colonizadores, que buscavam recursos naturais e riquezas às custas das populações locais. O trecho também aborda como os antigos guerreiros índios foram dominados e escravizados pelos estrangeiros. Isso evidencia a subjugação forçada dos povos indígenas, que foram sujeitos a condições de trabalho desumanas e a uma perda significativa de autonomia.

Sendo assim, a referência aos estrangeiros que traziam sua própria água e usavam adubo e maquinários agrícolas destaca o impacto ambiental negativo da colonização. O uso intensivo de recursos e a introdução de práticas agrícolas não adaptadas ao ambiente local muitas vezes resultavam em degradação ambiental.

A autora usa uma linguagem forte para descrever a brutalidade dos estrangeiros, que mancharam a região com o sangue indígena. Essa descrição simbólica destaca as injustiças, a violência e a perda de vidas que ocorreram como resultado da colonização. A autora também critica os estrangeiros por impor vícios, maldade, mentira, cobiça, competição e egoísmo à região. Isso ressalta como a cultura e os valores das comunidades indígenas foram afetados negativamente pela influência dos colonizadores.

Esse trecho do livro aborda a devastação causada pela colonização estrangeira nas comunidades indígenas, apontando para o impacto socioeconômico, ambiental e cultural que teve consequências duradouras. A autora ressalta a necessidade de reconhecer e compreender o histórico de exploração e injustiça enfrentado pelas comunidades indígenas, e suas lutas que acontecem até nos dias de hoje, mas graças ao tempo, e a modernização muita coisa mudou, e os povos indígenas têm ocupado cada vez mais o seu lugar de direito, de honrar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destarte, o ensino da literatura indígena desempenha um papel crucial na ampliação das perspectivas educacionais e na promoção da diversidade cultural nas salas de aula. A análise do livro "A Cura da Terra" de Eliane Potiguara exemplifica a riqueza dessa abordagem, demonstrando como a literatura indígena pode proporcionar não apenas uma experiência de leitura enriquecedora, mas também uma profunda reflexão sobre a relação entre os seres humanos e o meio ambiente.

A inclusão da literatura indígena no ensino não só expande horizontes, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais justa e consciente. Através da análise do livro "A Cura da Terra", percebemos que a literatura indígena não é apenas uma ferramenta pedagógica, mas sim uma fonte inspiradora de conhecimento, reflexão e diálogo, que nos convida a reexaminar nossa relação com o ambiente e com as diferentes culturas que compõem nossa nação. Dessa forma, é essencial que o ensino da literatura indígena seja fortalecido e valorizado, para que possamos nutrir uma geração de estudantes informados, sensíveis e comprometidos com a preservação do patrimônio cultural e ambiental do Brasil.

A inclusão da literatura indígena na sala de aula é um passo crucial em direção a uma educação mais abrangente, enriquecedora e inclusiva. Através da incorporação de narrativas, perspectivas e vozes indígenas, os estudantes são expostos a uma riqueza de conhecimentos culturais, históricos e sociais que não apenas ampliam seus horizontes, mas também os capacitam a compreender e apreciar a diversidade que compõe a sociedade brasileira.

A literatura indígena não é apenas uma ferramenta para transmitir informações, mas também um meio poderoso para promover a empatia, o respeito e a compreensão entre diferentes grupos étnicos. Ao mergulharem nas histórias, mitos, lendas e experiências compartilhadas pelos povos indígenas, os alunos são desafiados a questionar estereótipos, a desconstruir preconceitos enraizados e a construir uma consciência crítica sobre as injustiças históricas enfrentadas por essas comunidades.

Além disso, a inclusão da literatura indígena na sala de aula também oferece a oportunidade de explorar temas universais, como a relação do ser humano com o meio ambiente, a espiritualidade, a identidade cultural e os desafios contemporâneos enfrentados pelas comunidades indígenas. Esses temas incentivam a reflexão profunda e a análise crítica, preparando os alunos para se tornarem cidadãos informados e engajados em questões sociais relevantes.

Portanto, a inclusão da literatura indígena na sala de aula não é apenas uma forma de enriquecer o currículo escolar, mas também um ato de respeito aos direitos, à história e às contribuições dos povos indígenas para a formação da nação brasileira. Ao valorizar e incorporar suas vozes, estamos criando um ambiente educacional mais diversificado, inclusivo e verdadeiramente representativo, onde os alunos podem aprender com as riquezas culturais do passado e do presente, construindo assim um futuro mais consciente, justo e harmonioso

REFERÊNCIAS

- ALBERNAZ, Lady Selma; SOARES, Eliane Veras; LEWIS, Luana. O que é raça? estratégias para definir e combater o racismo. in: SCOTT, Parry; LEWIS, Luana; QUADROS, Marion Teodósio de. (orgs.) **Gênero, diversidade e desigualdades na educação**: interpretações e reflexões para a formação docente. Recife: editora. universitária UFPE, 2009, p.175-194.
- BAINES, Stephen. Identidades Indígenas e ativismo político no Brasil: depois da Constituição de 1988. In: Série Antropologia. V. 418. Brasília: Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, 2008, pp.6-18.
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988.
- BRASIL. Lei n. 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em: 15/02/2023.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996.
- BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.
- CRESWELL, John W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto; tradução Magda Lopes. ”3 ed. ””” Porto Alegre: ARTMED, 296 páginas, 2010.
- DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando. Literatura Indígena Brasileira Contemporânea. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018. 424 p. ISBN - 978-85-5696-438-0. Disponível em: <http://www.editorafi.org>. Acesso em: 15/02/2023
- GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1996.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (2010). Os indígenas no censo demográfico 2010: primeiras considerações com base no quesito cor ou raça. In: IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico 2010. Rio de Janeiro.
- LUCIANO, Gersem dos Santos. O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os índios no Brasil de hoje. Brasília: MEC; UNESCO, 2006.
- SILVA, Edson. Povos Indígenas: História, Culturas e o Ensino a partir da Lei 11.645. Revista Historien, 2012. Disponível em: Acesso em: 10/10/2023.
- SOUZA, Maria Célia Gomes. A invisibilidade da literatura indígena em materiais didáticos, p. 78, 2022. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/3815>. Acesso em 18/02/2023.

MORAES, Maria Cândida. O paradigma educacional emergente. São Paulo: Papirus, 1997

MUNDURUKU, Daniel. Tempo, tempo, tempo. Revista Coletiva, n. 1, p. 1-7, jun. 2018b.

MUNDURUKU, Daniel. Mundurukando 1: Sobre saberes e utopias. 2. ed, ampl. e atual. Lorena: UK'A, 2020.

POTIGUARA, Eliane. A cura da terra. ed, do Brasil. 2015. Campos Elíseos - São Paulo

POTIGUARA, Eliane. Metade cara, metade máscara, São Paulo: Global Editora, 2004.

POTIGUARA, Eliane. Metade Cara Metade Mascara. 3ª edição, Grumin Edições, Rio de Janeiro, 2019.

POTIGUARA, Eliane. A cura da terra, São Paulo: editora do Brasil, 2015.

TOCANTINS. Estruturas Curriculares da Rede Estadual de Ensino do Tocantins – Língua Portuguesa. Governo do Tocantins, Secretaria de Estado da Educação do Tocantins. Conselho Estadual de Educação. SEDUC-TO. Resolução 160, de 19 de dezembro de 2016.